

ALEJANDRO
ZAMBRA

A hand-drawn logo featuring a stylized eye with radiating lines, positioned centrally between the words 'ALEJANDRO' and 'ZAMBRA'. The eye has a thick black outline, a white iris, and a black pupil. Numerous short, straight lines radiate outwards from the eye, creating a sunburst or starburst effect. The text 'ALEJANDRO' is written in a simple, hand-drawn font above the eye, and 'ZAMBRA' is written below it. The 'R' in 'ALEJANDRO' has a small horizontal line extending to the right, and the 'A' in 'ZAMBRA' has a small horizontal line extending to the left, both appearing to be part of the overall design.

ALEJANDRO ZAMBRA

Poeta chileno

Tradução

Miguel Del Castillo



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2020 by Alejandro Zambra

Todos os poemas citados foram traduzidos para esta edição, com exceção de: na p. 142, a tradução do poema “Embriagai-vos”, de Charles Baudelaire, é de Samuel Titan Jr. *O spleen de Paris: poemas em prosa*. São Paulo: Editora 34. p. 81. Na p. 262, a tradução do poema de Emily Dickinson é de Fernanda Mourão. *117 e outros poemas: À procura de Emily Dickinson*. Belo Horizonte: UFMG, 2008. 271 pp. Tese (Doutorado em Literatura Comparada). Na p. 266, a tradução do poema da mesma autora é de Paulo Henriques Britto. “Cinco poemas”. In: *Inimigo Rumor*, n. 6, pp. 40-7, 1999. Na p. 340, a tradução do poema “Crônica de Lima”, de Antonio Cisneros, é de Carlito Azevedo e Anibal Cristobo. *Sete pragas depois*. São Paulo: Cosac Naify/7Letras, 2003, p. 71; na p. 341, o trecho é do poema “Quatro boleros maroqueiros”, do mesmo autor e do mesmo tradutor.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Poeta chileno

Capa

Elisa von Randow

Imagem de capa

Stairs, de Jesús Cisneros. Técnica mista (lápiz, pincel marcador e grafite).

Fotos de miolo

p. 378: *Oscuridad*, © Laura Wächter, a partir de uma foto de Mabel Maldonado

p. 418: © Toumani Camara

Preparação

Silvia Massimini Felix

Revisão

Erika Nogueira Vieira

Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Zambra, Alejandro

Poeta chileno / Alejandro Zambra; tradução Miguel Del Castillo. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

Título original: Poeta chileno.

ISBN 978-65-5921-344-3

1. Ficção chilena I. Título.

21-72174

CDD-C863

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura chilena

C863

Cíbele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Para Jazmina e Silvestre

Não há casa, nem pais, nem amor: há apenas companheiros de jogo.

Alain-Fournier/ Jorge Teillier

Uma técnica que serve para escrever deve servir também para viver.

Fabián Casas

I. OBRA INICIAL

Era o tempo das mães apreensivas, dos pais taciturnos e dos irmãos mais velhos brutamontes, mas era também o tempo das mantas, dos cobertores e dos ponchos, portanto ninguém estranhava que todas as tardes Carla e Gonzalo passassem duas ou três horas no sofá cobertos por um soberbo poncho vermelho de lã de Chiloé, que no gélido inverno de 1991 parecia um produto de primeira necessidade.

A estratégia do poncho permitia que, apesar dos obstáculos, Carla e Gonzalo fizessem de tudo, exceto a famosa, sagrada, temida e desejada penetração. A estratégia da mãe de Carla, naquele ínterim, consistia em simular uma ausência de estratégia, no máximo de vez em quando perguntava, para minar a confiança deles, e com um sarcasmo quase imperceptível, se por acaso não estavam com calor, e eles respondiam em uníssono, com o tom hesitante de dois péssimos estudantes de teatro, que não, que estava um frio de rachar.

A mãe de Carla desaparecia pelo corredor e se concentrava na novela, à qual assistia em seu quarto e sem volume — bastava

a ela o volume da tevê da sala, pois Carla e Gonzalo também viam a novela, que não lhes interessava muito, mas as tácitas regras do jogo ditavam que tinham de prestar atenção àquilo, ainda que fosse apenas para responder com naturalidade aos comentários da mãe, que em intervalos incertos, não necessariamente frequentes, reaparecia na sala para arrumar o vaso de flores ou dobrar os guardanapos ou realizar qualquer outra atividade de urgência questionável, e às vezes olhava de soslaio para o sofá, menos para vê-los e mais para que sentissem que ela os estava vendo, e soltava frases como *ela que foi atrás disso* ou *esse sujeito é meio paspalho*, e então Carla e Gonzalo, sempre em uníssono e se borrando de medo, quase totalmente pelados, respondiam *sim* ou *é mesmo* ou *dá pra ver que ela está apaixonada*.

O intimidante irmão mais velho de Carla — que não jogava rúgbi, mas que por seu tamanho e atitude poderia perfeitamente ser convocado para a seleção — em geral voltava para casa depois da meia-noite, e nas poucas vezes em que chegava cedo se trancava no quarto para jogar *Double Dragon*, mas, de todo modo, existia o risco de ele descer para pegar um pão com mortadela ou um copo de coca-cola. Por sorte, nesses casos Carla e Gonzalo contavam com a milagrosa ajuda da escada, em particular do segundo — ou penúltimo — degrau: do instante em que ouviam o rangido escandaloso até o irmão mais velho surgir na sala transcorriam exatos seis segundos, tempo suficiente para que se arrumassem dentro do poncho até parecerem dois inocentes desconhecidos que combatiam o frio juntos por pura solidariedade.

A vinheta musical futurista do noticiário marcava, a cada noite, o fim da jornada: o casal protagonizava no jardim da frente uma despedida apaixonada, que às vezes coincidia com a chegada do pai de Carla, que ligava o farol alto e fazia roncar o motor de seu Toyota como forma de saudação ou de ameaça.

— Esse namorico está durando tempo demais — o homem acrescentava, levantando as sobrancelhas, quando estava bem-humorado.

O trajeto de La Reina até a praça de Maipú levava mais de uma hora, tempo que Gonzalo aproveitava para ler, embora a luz minguante dos postes costumasse impedi-lo e às vezes ele precisasse se conformar em apenas entrever um poema rapidamente durante uma parada em alguma esquina iluminada. Todas as noites era repreendido por voltar tarde e todas as noites Gonzalo jurava, sem a menor intenção de cumprir sua palavra, que dali em diante chegaria mais cedo. Dormia pensando em Carla e, quando não conseguia dormir, o que acontecia com frequência, masturbava-se pensando nela.

Masturbar-se pensando na pessoa amada é, como se sabe, a mais ardente prova de fidelidade, sobretudo se as punhetas forem, como dizem nos comerciais de filmes, rigorosamente baseadas em fatos reais: longe de se perder em fantasias improváveis, Gonzalo imaginava que estavam no sofá de sempre, cobertos pelo poncho de lã de sempre, e a única diferença, o único elemento ficcional, era que estavam sozinhos, e então ele metia e ela o abraçava e fechava os olhos com delicadeza.

O sistema de vigilância parecia intransponível, mas Carla e Gonzalo confiavam que em breve uma oportunidade se apresentaria. Aconteceu perto do fim da primavera, justo quando o calor absurdo ameaçava estragar tudo. Uma freada estridente e um coro de gritos interromperam a calma das oito da noite — um mórmon havia sido atropelado na esquina, a mãe saiu correndo para fofocar, e Carla e Gonzalo entenderam que o mo-

mento tão esperado chegara. Considerando os trinta segundos que durou a penetração e os três minutos e meio que demoraram para limpar o pouco de sangue e assimilar a experiência atrapalhada, o processo todo levou apenas quatro minutos, depois dos quais Carla e Gonzalo se juntaram sem mais delongas à turba de curiosos em volta do jovem loiro, que jazia próximo a sua bicicleta quebrada na calçada.

Se o jovem loiro tivesse morrido e Carla tivesse engravidado, estaríamos falando de um ligeiro desequilíbrio no mundo a favor dos morenos, porque um filho de Carla, que era bem morena, com o ainda mais moreno Gonzalo dificilmente teria saído loiro, mas nada disso aconteceu: o mórmon ficou coxo, e Carla, ensimesmada e tão dolorida e triste que por duas semanas, lançando mão de desculpas ridículas, se negou a ver Gonzalo. E quando o viu foi somente para terminar com ele, “cara a cara”.

Em defesa de Gonzalo, é preciso dizer que naqueles anos miseráveis a informação circulava mal e porcamente, não havia ajuda dos pais nem conselhos de professores ou orientadores educacionais, nem mesmo o auxílio de campanhas governamentais ou qualquer coisa do tipo, porque o país estava preocupado demais em manter a salvo a recém-recuperada e cambaleante democracia para pensar em coisas tão sofisticadas e primeiro-mundistas como uma política integral de educação sexual. Libertos de repente da ditadura da infância, os adolescentes chilenos viviam sua própria transição para a vida adulta fumando maconha e escutando Silvio Rodríguez ou Los Tres ou Nirvana enquanto decifravam ou tentavam decifrar todo tipo de medos, frustrações, traumas e perplexidades, quase sempre através do perigoso método de tentativa e erro.

Naquele tempo não havia, é claro, milhões de vídeos on-line promovendo uma ideia maratônica do sexo; e embora Gonzalo

conhecesse publicações como *Bravo* e *Quirquincho*, e vez ou outra tivesse, digamos, “lido” umas *Playboys* e umas *Penthouses*, nunca havia visto um filme pornô, de modo que tampouco contava com apoios audiovisuais para compreender que, de qualquer ponto de vista, sua performance havia sido desastrosa. Toda a sua ideia do que tinha de acontecer na cama se baseava no treinamento ponchístico e nos relatos fanfarrões, vagos e fantasiosos de alguns colegas de turma.

Surpreso e desolado, Gonzalo fez tudo o que estava a seu alcance para tentar voltar com Carla, ainda que tudo o que estivesse a seu alcance se resumisse a insistir com ela por telefone de meia em meia hora e perder tempo num infrutífero lobby com mediadoras falaciosas que sequer tinham intenção de ajudá-lo, porque, embora o achassem inteligente, atraente e divertido, se comparado aos incontáveis pretendentes de Carla, não lhes parecia grande coisa, era um esquisitão de Maipú, um infiltrado.

Gonzalo não teve outra opção além de apostar todas as fichas na poesia: trancou-se no quarto e em apenas cinco dias despachou quarenta e dois sonetos, movido por uma esperança nerudiana de chegar a escrever algo tão incrivelmente persuasivo que Carla não pudesse mais rejeitá-lo. Em alguns momentos se esquecia da tristeza; ao menos por uns minutos prevalecia o exercício intelectual de consertar um verso coxo ou de acertar uma rima. Porém, a alegria de uma imagem que lhe parecia bem-sucedida era logo suplantada pela amargura do presente.

Em nenhuma dessas quarenta e duas composições havia, infelizmente, poesia genuína. Tome-se como exemplo este nada memorável soneto, que, no entanto, devia estar entre os cinco melhores — entre os cinco menos ruins — da série:

*O telefone é rubro como o sol
o telefone é verde e também preto
te busco noite e dia e não te vejo
atravesso feito um zumbi o farol.*

*Sou como uma cama sem um lençol
sou como um cigarro já obsoleto
esquecido no chão como um graveto
sou como uma isca sem linha e anzol.*

*O telefone toca agora em vão
meu coração dói, doem-me as orelhas
sorrir agora é bastante improvável*

*É primavera, inverno ou verão
dói meu molar e minha sobancelha
morrer agora é muito mais provável.*

A única suposta virtude do poema era o domínio esforçado da forma clássica, o que para um jovem de dezesseis anos poderia ser considerado algo meritório. O terceto final era, de longe, o pior do soneto, e também o mais autêntico porque, de seu jeito morno e escorregadio, Gonzalo de fato queria morrer. Não é engraçado zombarmos de seus sentimentos; zombemos, isso sim, do poema, de suas rimas óbvias e medíocres, de seu sentimentalismo, de sua comicidade involuntária, mas não subestimemos a dor dele, que era verdadeira.

Enquanto Gonzalo batalhava com as lágrimas e com os decassílabos, Carla escutava repetidamente “Losing my Religion”, do R.E.M., um hit do momento que, segundo ela, resumia com perfeição seu estado de espírito, apesar de só conseguir entender o significado de umas poucas palavras (“life”, “you”, “me”, “much”, “this”) e da frase do título, que se conectava à noção de pecado, como se a música se intitulasse, na verdade, “Losing my Virginity”. Embora estudasse num colégio de freiras, seu tormento não era religioso ou metafísico, e sim totalmente físico, porque, simbolismos e pudores à parte, a penetração tinha doído pra caralho: o mesmo pênis que costumava enfiar furtiva e alegremente na boca, e que massageava todo dia com bastante criatividade, surgia agora como uma broca inclemente e traiçoeira.

— Nunca mais ninguém vai meter isso em mim, nunca. Nem o Gonza nem ninguém — dizia a suas amigas, que a visitavam todas as tardes, um pouco contra a vontade de Carla, que proclamava aos quatro ventos seu desejo de estar sozinha, mas elas vinham mesmo assim.

As amigas de Carla se dividiam espontaneamente entre o grupo angelical, tedioso e numeroso das que ainda eram virgens, e o grupo heterogêneo e raquítico das que não mais o eram. O conjunto das virgens se dividia, por sua vez, entre o minoritário subconjunto das que queriam permanecer virgens até o casamento e o majoritário e inconstante subconjunto das *ainda não*, ao qual Carla pertencera por uma breve temporada. Já no grupo das não virgens, brilhavam com luz própria duas amigas a quem Carla chamava, com sarcasmo e admiração, de “as esquerdistas”, basicamente porque eram, em quase todos os aspectos, mais radicais ou talvez simplesmente menos reprimidas que todas as pessoas que Carla conhecia (uma delas insistia que ela deveria trocar de música favorita, porque, a seu ver, “I Touch Myself”, do Divinyls, outra que estava na moda na época, era mais adequada que “Losing my Religion” para a situação atual. “Ninguém escolhe suas músicas favoritas”, respondeu Carla, com toda a razão do mundo).

Tendo considerado os abundantes conselhos dos dois bandos, e acolhendo sobretudo as opiniões das esquerdistas, Carla decidiu que o mais sensato seria apagar o quanto antes sua primeira experiência sexual e, para isso, é lógico que precisaria com urgência de uma segunda experiência sexual. Uma sexta-feira depois da aula ligou para Gonzalo e pediu que se encontrassem no Centro. Ele mal se aguentava de tanta felicidade: saiu correndo para o ponto de ônibus, algo bem raro, porque achava que as pessoas ficavam ridículas correndo pela rua, sobretudo de calça comprida. Acabou pegando um ônibus com os assentos todos ocupados, mas, mesmo assim, deu um jeito de reler de pé boa parte dos quarenta e dois poemas que carregava na mochila.

Carla o recebeu com um belo de um beijo e disse, de cara, para voltarem e irem a um motel, algo que ela mesma havia recusado por quase um ano, alegando decência, falta de dinheiro, ilegalidade, bacteriofobia ou todas as anteriores, mas agora garantiu a ele, num tom libidinoso meio exagerado, que queria, sim, estava morrendo de vontade.

— Me disseram que tem um perto da feira de artesanato e eu consegui umas camisinhas e tenho a grana — disse Carla, numa frase única e acelerada. — Vamos!

O lugar era uma espelunca sórdida que fedia a incenso e a óleo requentado, porque era possível pedir empanadas fritas de queijo ou de carne no quarto, além de cerveja, *pichunchos** e *piscolas*,** opções todas que dispensaram. Uma mulher com o cabelo pintado de vermelho e os lábios de azul recebeu o dinheiro e obviamente não pediu suas carteiras de identidade. Assim que fecharam a porta do cômodo minúsculo, Carla e Gonzalo tiraram a roupa toda e se olharam com espanto, como se tivessem acabado de descobrir a nudez um do outro, o que de certo modo era verdade. Durante uns cinco minutos se limitaram aos beijos, lambidas e mordidinhas, e então a própria Carla pôs a camisinha em Gonzalo — havia ensaiado com uma espiga de milho naquela mesma manhã — e ele a penetrou aos poucos, com a cautela e a emoção próprias de quem deseja valorizar o momento, e tudo ia às maravilhas, mas a melhora não foi significativa, porque a dor persistiu (Carla sentiu inclusive mais dor que na primeira vez), e a penetração durou, ao fim e ao cabo, o que um corredor de cem metros rasos demoraria para percorrer os primeiros cinquenta.

* *Pichuncho*: coquetel com pisco, vermute rosso, vermute bianco e xarope de açúcar. [Esta e as demais notas são do editor.]

** *Piscola*: coquetel com pisco, Angostura e coca-cola.

Gonzalo entreabriu as persianas para observar as pessoas que saíam do trabalho e voltavam para casa com uma lentidão que, à distância, lhe parecia extraordinária. Depois se ajoelhou diante da cama e contemplou com toda a atenção os pés de Carla. Nunca havia reparado nas linhas dos pés, na existência de linhas nas solas dos pés: durante um minuto inteiro, como se tentasse resolver um labirinto, seguiu aquelas marcas ramificadas e caóticas até o invisível e pensou em escrever um longo poema sobre alguém que anda descalço por um caminho interminável até apagar por completo as linhas dos pés. Depois se deitou perto de Carla e perguntou se podia ler para ela seus sonetos.

— Sim — respondeu Carla, distraída.

— Mas são quarenta e dois.

— Então leia o que você mais gosta.

— É difícil escolher. Vou ler vinte.

— Três — negociou Carla, apressada.

— Cinco.

— Está bem.

Gonzalo começou a ler seus sonetos com uma dicção solemne, e, embora Carla quisesse achá-los bons, a verdade é que não lhe diziam nada. Enquanto os escutava, pensava no pescoço de Gonzalo, em seu peito liso como gelo e no entanto tão quente, em seu esqueleto gracioso e quase visível, em seus olhos ora castanhos, ora verdes, mas sempre meio estranhos; achava-o lindo, e teria sido ótimo gostar também dos poemas que escrevia, os quais, mesmo assim, ouvia com respeito e com um sorriso que pretendia ser sereno e tranquilo, mas parecia mais um exercício de melancolia.

Justo quando Gonzalo começava a ler o quinto soneto, os gemidos advindos do quarto ao lado, do qual estavam separados

apenas por uma divisória fina, foram aumentando. A intimidade não procurada com aqueles desconhecidos produziu um efeito díspar: Gonzalo achou que aquilo era um privilégio, um acesso à pornografia de verdade, ao vivo — sexo real, cru, com o barulho alto da cama e dos gemidos semissincronizados, que com certeza correspondiam a investidas memoráveis. Para Carla, porém, tamanha proximidade era, a princípio, algo perturbador, e ela até pensou em bater na parede para pedir discução, mas depois preferiu se concentrar naqueles gemidos e conjecturar se a gozadora desconhecida estava em cima ou embaixo ou em alguma daquelas posições estranhas que suas colegas de classe desenhavam atrevidamente na lousa durante o recreio. Achava que gemer daquela maneira, como uma imbatível campeã de Roland Garros, era algo grandioso e, no entanto, impossível no momento, pois os gemidos que escutava eram de prazer, e embora às vezes a dor e o prazer se confundam, não era esse o caso de Carla, que sentia pura e exclusivamente dor.

Com o repentino desejo de gritar mais alto que sua vizinha, Carla se sentou em cima de Gonzalo e começou a lamber seu pescoço. Ele agarrou a bunda dela com as duas mãos e logo sentiu a ereção plena voltando, e por isso a segunda trepada da tarde, a terceira da vida deles, destinada a apagar ou ao menos a suavizar a lembrança das trepadas anteriores, parecia iminente. Gonzalo tentou pôr em si mesmo uma nova camisinha, porém, mesmo tendo procedido com uma falta de jeito quase digna, esses segundos adicionais bastaram para que Carla desistisse da penetração e a escaramuça acabasse em rotineiras e eficazes masturbações mútuas.

Gonzalo se recostou entre os seios de Carla, e teria até dormido não fosse a barulheira no quarto ao lado, porque os vizinhos continuavam a mil, como coelhos ou como loucos ou como coelhos loucos. Pegou o controle remoto, porque de qualquer

modo faltava pouco para começar a novela, à qual ambos haviam por fim se apegado, uma coisa totalmente normal, porque não era ruim e além de tudo estava nos capítulos finais, mas Carla, que havia dez minutos olhava para o teto, tirou o controle remoto da mão dele e não apenas desligou a tevê como também extraiu as pilhas e as arremessou contra a parede. Fez-se então um silêncio que de silêncio mesmo tinha pouco, porque os vizinhos continuavam, como diria um professor de teoria literária, *in medias res*.

— Não é possível — disse então Gonzalo, com sincera incredulidade. — É demais.

— Demais o quê?

— Não está ouvindo? Eles estão demorando muito. Não acho que seja normal.

— Eu acho que é normal, sim — disse Carla, tentando moderar a ênfase. — Eu acho que *isso é o normal*.

— Parece que você sabe muito sobre sexo — balbuciou Gonzalo, tentando dissimular a vergonha. Ela não respondeu.

Quando os suspiros ofegantes no quarto ao lado por fim se extinguiram, ainda restava a Carla e Gonzalo mais de uma hora de motel, mas eles não estavam com vontade de fazer nada, nem mesmo de ir embora dali. Gonzalo observou as belas costas de Carla e acariciou umas linhas ligeiramente menos morenas, produzidas pela alternância de diferentes trajes de banho, que vinham desde os ombros e formavam uma espécie de tatuagem inversa.

— Desculpe — disse ele.

— Não tem importância — disse Carla.

— Desculpe — repetiu Gonzalo.

Encontraram as pilhas do controle remoto e conseguiram

ver os últimos minutos da novela. Caminharam até a avenida Alameda comentando, de fato, o capítulo. Foi uma das cenas mais tristes da tarde, da semana, talvez de toda a relação: Carla e Gonzalo de mãos dadas, rumo à Alameda, conversando sobre a novela. Eram como dois desconhecidos procurando desesperadamente um assunto em comum; parecia que conversavam sobre algo e estavam juntos, mas sabiam que na verdade não conversavam sobre nada e estavam sós.

Gonzalo fingiu uma dor de estômago para marcar uma consulta com o dr. Valdemar Puppo, que não era psiquiatra nem psicólogo nem urologista nem nada parecido, e sim o pediatra ao qual ele ia desde sempre. Embora tendesse a ficar dando voltas e a usar eufemismos, o paciente tentou ser claro: o problema era a penetração em si, nos outros tipos de carícias conseguia se segurar, mas quando penetrava Carla — não esclareceu que isso havia acontecido apenas duas vezes — era impossível. O médico soltou uma risada de cumplicidade masculina constrangedoramente longa e cheia de perdigotos.

— Isso acontece com todo mundo, rapaz, embora eu deva te confessar que comigo nunca aconteceu — disse o homem, enquanto alisava a pança com as duas mãos, como se tivesse acabado de devorar um javali. — A penetração é superestimada. Você acaba ficando nervoso, é só isso, campeão.

Sempre com esse forçado e detestável tom juvenil, o dr. Valdemar Puppo recomendou que Gonzalo relaxasse e falou da técnica da distração, que resumiu de maneira vaga e grosseira:

— Quando você estiver com o pau bem duro, pense na sua avó — disse.

Gonzalo entendeu a ideia por trás do conselho, mas naquele momento não pôde evitar o pensamento literal em sua avó e por isso ficou triste, pois ela tinha acabado de morrer.

Foi um bom conselho, no fim das contas. Os namorados voltaram a trepar no mesmo motel e em duas ou três festas e até no sótão da casa de Gonzalo, cercados por reluzentes teias de aranha e talvez também por alguns ratos e camundongos, e a técnica da distração, que Gonzalo batizara de “a técnica Puppo”, tendia a funcionar: claro que não pensava em sua avó, mas em mulheres que considerava feias, embora sua ideia de feiura contemplasse, por assim dizer, categorias morais. A repulsa que lhe inspiravam, por exemplo, a ex-ministra da Educação Mónica Madariaga ou a cantora Patricia Maldonado ou a própria Lucía Hiriart de Pinochet era muito mais ideológica que física, posto que — com a provável exceção da sra. Maldonado — não eram mulheres objetivamente tão feias.

Em todo caso, por mais terríveis que achasse essas senhoras, em algum momento as peles que ele supunha ásperas, enrugadas e moles retrocediam diante das costas suaves ou das coxas perfeitas de Carla — a realidade vencida a imaginação, e então Gonzalo, bem mais cedo do que tarde, acabava gozando. O segredo, ele logo descobriu, era se concentrar em assuntos mais abstratos, neutros ou amenos, que lhe provocassem uma distração duradoura, como os quadros de Kandinsky, de Rothko, de Matta, ou certos exercícios de xadrez para principiantes, ou a conquista do espaço sideral, ou uns poemas muito sérios e dramáticos de Miguel Arteche dos quais não gostava nem um pouco, mas que tivera de analisar no colégio (“Golf”, “El niño idiota”), e até conseguiu resultados notáveis graças ao recurso cruel

de imaginar uma pessoa com Parkinson tentando comer uma alcachofra.

Embora o sexo fosse cada vez mais frequente e ligeiramente menos doloroso, Carla já não tinha certeza se queria continuar com Gonzalo. Tentava convencer a si mesma de que estava mais apaixonada do que nunca, mas a verdade é que já havia abandonado a disposição fantasiosa dos primeiros tempos: a ideia de passar anos ou a vida inteira com Gonzalo lhe parecia, de fato, cada vez mais opressora.

Naquele verão, uma das esquerdistas a convidou para ir a Maitencillo, e, embora não fosse difícil inventar uma desculpa para levar Gonzalo junto, Carla pensou que preferia dedicar esse tempo a pensar na relação. E foi isso o que fez, basicamente, durante os nove dias que passou em Maitencillo: tomava café da manhã, almoçava e lanchava pensando na relação, deitava-se na areia para dormir longas sextas pensando na relação, jogava vôlei ou frescobol ou brincava de elefantinho pensando na relação, tomava *fanschop** e dançava desenfreadamente os hits do Technotronic pensando na relação, e mesmo na noite em que deixou que um argentino musculoso lhe desse uns beijos e agarrasse sua bunda e seus peitos estava pensando na relação, e, apesar de soar um pouco insólito, a verdade é que, enquanto chupava o pau desse argentino, Carla também estava, de algum modo, pensando na relação.

A aventura com o argentino foi relatada, comentada e analisada por numerosas testemunhas semipresenciais e esteve a

* *Fanschop*: fanta laranja com cerveja.

ponto de chegar aos ouvidos de Gonzalo. Assombrada pelo remorso, Carla decidiu confessar sua infidelidade, sem omitir o boquete, que funcionava como atenuante, porque demonstrava que tinha se negado a chegar à penetração, embora, para não faltar com a verdade, não havia se negado por fidelidade, e sim porque a ideia de ser penetrada por um membro uns bons centímetros menos comprido porém consideravelmente mais grosso que o de Gonzalo lhe parecera horrível.

Nos meses que se seguiram, a culpa foi o combustível exclusivo da relação. Havia dias em que Carla temia que Gonzalo consumasse sua vingança, mas outras vezes até desejava que ele o fizesse, porque um empate ao menos lhe permitiria recuperar a dignidade, a qual, é claro, não havia perdido, embora de vez em quando Gonzalo a atormentasse com comentários hostis e autocompassivos.

Contrariando sua natureza fiel, Gonzalo decidiu corresponder às insinuações de Bernardita Rojas, uma garota do bairro a quem se sentia estranhamente unido, porque ele também tinha o sobrenome Rojas. Não eram parentes, isso é fato, era um sobrenome bastante comum, mas ela o cumprimentava como se fossem, e na verdade era nisso que consistia o flerte (“como você está, primo Rojas?”, dizia ela, e abria as narinas como fazem as atrizes ruins para expressar emoção). Para ele, Bernardita Rojas parecia ser uma pessoa autêntica, pois não usava aquela mecha de cabelo fixada com gel em formato de onda ameaçadora que quase todas as suas contemporâneas ostentavam — Carla inclusive —, como se todas as adolescentes chilenas tivessem combinado de homenagear *A grande onda*, de Hokusai. Outra coisa que o atraía em Bernardita Rojas era que sempre trazia consigo um livro de Edgar Allan Poe, que lia com a mesma devoção com que outros decifravam *Fragmentos de um discurso amoroso*, *As veias abertas da América Latina* ou *Seus pontos fracos*.

Os falsos primos Rojas foram juntos ver *Uma noite sobre a Terra*, e, embora a ideia implícita de ir ao cinema fosse aproveitar a escuridão para dar uns amassos, acharam o filme de Jim Jarmusch tão divertido que se limitaram a olhar para a tela, hipnotizados.

— Adorei sair com você — Bernardita disse, enquanto esperavam o ônibus.

— Eu também — respondeu Gonzalo, distraído.

No caminho de casa, ele se pôs a pensar em Winona Ryder — imaginava-a ao volante de um táxi Lada, esperando o semáforo ficar verde em alguma esquina de Santiago enquanto mastigava chiclete, fumava e ouvia Tom Waits. Cansada de receber de seu companheiro de assento apenas monossílabos, Bernardita abandonou toda e qualquer intenção de diálogo e se pôs a reler “Ligeia”, que era seu conto favorito de Poe. Gonzalo a observou lendo por uns minutos, com o entardecer da cidade como pano de fundo, e então sentiu que queria lhe dar um beijo. Tentou, mas ela o afastou com seu habitual sorriso de lábios fechados.

— Estou lendo — disse.

— Leia um pouco pra mim — respondeu Gonzalo.

— Não quero — disse Bernardita, que apesar disso pôs o livro no meio para que Gonzalo também pudesse ler, e durante o resto do trajeto os dois ficaram com as cabeças coladas, quase abraçados, lendo esse conto de Poe.

Chegaram à esquina onde deveriam se despedir e, agora sim, Bernardita aceitou um beijo breve, embora sem muita língua. Gonzalo caminhou para casa refletindo sobre a possibilidade de prosseguir com a vingança até que fosse mais ou menos simétrica. Não estava convencido, de modo que decidiu consultar Marquitos, um ruivo um pouco mais velho que trabalhava na mercearia do bairro e cujo diminutivo se devia à baixa estatura, no limite do nanismo. Anoteciã, Gonzalo ajudou Marquitos a

fechar a mercearia e se instalaram no balcão com duas cervejas Escudo de um litro e meio bem geladas.

— Sua namorada é muito mais gostosa que a Bernardita — disse Marquitos, depois de refletir por alguns segundos sobre o dilema. — Não vou mentir pra você, sua namorada é muito, muito melhor.

Era o bordão de Marquitos: “Não vou mentir pra senhora, essas são as melhores melancias da estação”, dizia, por exemplo, ou então “eu dormi, chefe, não vou mentir pra você”, e às vezes também usava a fórmula em frases insossas como “não vou mentir pra você, está muito calor”.

— Eu sei, mas ela me chifrou — respondeu Gonzalo.

— Mas você é feio, Gonza, muito feio.

— E o que isso tem a ver? Qual o problema de eu ser feio? — respondeu Gonzalo, que de todo modo não se considerava feio (e nem era).

— Olha, o que acontece é que sua namorada está explodindo de gostosa. É a garota mais gostosa de todas. — Marquitos parecia estar reprimindo esse comentário havia séculos.

— Qual é, cara — respondeu Gonzalo, surpreso e incomodado.

— Foi mal, mas é verdade. A obrigação dos amigos é dizer a verdade, não é? — Gonzalo hesitou por dois segundos antes de assentir, com aparente mansidão. — Não vou mentir pra você: sua namorada é patricinha, mas é gostosa. E não é pra você. É arcaia demais pro seu caminhãozinho, magrão. Não sei como você fez pra ela ficar contigo. Mas, se vocês terminarem, você nunca mais vai arrumar uma garota gostosa assim, nem metade disso.

— Eu não quero terminar com ela — disse Gonzalo, como se estivesse pensando em voz alta.

— Mas ela vai descobrir, as garotas acabam sabendo de tudo — disse Marquitos, com ares de entendido.

Marquitos foi buscar mais cerveja e também pegou um pão de fôrma e ofereceu umas fatias a Gonzalo.

— E do que é que você mais gosta na minha namorada? — perguntou Gonzalo, num tom artificialmente sereno.

— Você quer mesmo saber?

— Sim.

— Não vai ficar puto?

— Não, Marquitos, tranquilo. Por que eu me chatearia por uma coisa dessas?

— Você vai ficar puto, magrão.

— Que nada, irmão, sem problemas. Só de curiosidade.

— Sei lá, porra, tudo. Os peitos certinhos, lindos. E aquela bunda, ah. Tua namorada tem a bunda média. Ela tem uma bela de uma bunda, acho que você deve ter percebido. E a cara.

— O que tem a cara dela? Fala logo, não tem problema. Como é a cara dela?

— Olha, com todo o respeito, mas é que ela tem uma cara... Não vou mentir para você, irmão, tua namorada tem uma cara de safada que, olha, vou te contar.

Gonzalo não teve alternativa: um soco no olho, dois na barriga e um chute no saco encerraram para sempre sua amizade com Marquitos. Foi embora da mercearia triste e desconcertado e também preocupado, pela primeira vez na vida, com sua suposta feiura, que atribuiu às obstinadas espinhas, apesar de já considerá-las parte de seu rosto por tê-las desde os onze anos.

— O que você tem, primo Rojas? — disse Bernardita, na sexta-feira daquela mesma semana.

— Por quê?

— Você anda com uma carinha triste.

— Ando com uma carinha feia — disse Gonzalo, tentando fazer uma piada.

Foram até a praça, conversaram por bastante tempo e Gonzalo contou tudo, ou quase tudo. Antes de se despedir, Bernardita olhou para ele como se de fato fosse seu primo ou irmão, embora de todo modo estivesse chateada: sabia que ele tinha namorada, vira os dois juntos mais de uma vez, mas achava que tinham terminado ou que estavam terminando, e obviamente a incomodava saber que ela tinha sido apenas um meio para concretizar a vingança. Na manhã seguinte, no entanto, tocou a campainha da casa de Gonzalo, entregou-lhe um pacote e saiu correndo: era uma caixa de sapatos na qual havia um ramo de babosa recém-cortado, uma navalha e um bilhete manuscrito com as instruções do tratamento, além de um mapa onde Bernardita havia marcado a localização de dez pés de babosa em diferentes pontos de Maipú.

Gonzalo adotou o costume de toda tarde cortar um ramo da planta, cuja polpa ele espalhava, antes de dormir, nas zonas problemáticas de seu rosto. Se alguém tivesse perguntado por que andava com aquela navalha na mochila, ele teria respondido que precisava dela para se defender, o que no fundo era verdade, porque precisava dela para se defender da feiura.